

RESENHA

MARANDOLA JUNIOR, Eduardo. **Habitar em risco: mobilidade e vulnerabilidade na experiência metropolitana**. São Paulo: Blucher, 2014. (Coleção:População e Sustentabilidade)

Jeani Delgado Paschoal Moura¹

O medo e a insegurança são palavras presentes em nosso cotidiano. Risco, perigo e vulnerabilidade são outras palavras que acompanham as primeiras em suas aparições na mídia, nas conversas e nas preocupações acadêmicas. “Estar em risco”, “proteger-se do perigo”, “manter-se seguro”, “diminuir a vulnerabilidade”. Essas são ações correntes que executamos em busca de tranquilidade e para poder usufruir uma vida com maior qualidade. (MARANDOLA JR., 2014, p. 13)

A Coleção População e Sustentabilidade, lançada em 2014, sob a coordenação de Eduardo José Marandola Junior (Unicamp) e colaboração de Ricardo Ojima (UFRN) e Álvaro de Oliveira D’Antona (Unicamp) é composta por cinco volumes pelos quais são apresentadas diferentes temáticas na interface de estudos urbanos, ambientais e populacionais, cujas reflexões fazem pensar os desdobramentos do processo de urbanização em suas implicações ambientais, quais sejam: I-Mudanças climáticas e as cidades: população, urbanização e adaptação; II - Habitar em risco: mobilidade e vulnerabilidade na experiência metropolitana; III- População, Espaço e Ambiente: Mudanças ambientais e caminhos para a sustentabilidade no século XXI; IV- Pós-neomalthusianismo e sustentabilidade: a construção de uma demografia ambiental; V- Vulnerabilidades: a multidimensionalidade dos riscos e perigos contemporâneos.

Autor do segundo volume, Eduardo José Marandola Junior, graduado em Geografia pela Universidade Estadual de Londrina (UEL), é professor da Faculdade de Ciências Aplicadas (FCA) da Unicamp (Campus de Limeira), onde coordena o Laboratório de Geografia dos Riscos e Resiliência (LAGERR) e o Curso de Mestrado Interdisciplinar em Ciências Humanas e Sociais Aplicadas (ICHSA). *Habitar em risco: mobilidade e vulnerabilidade na experiência metropolitana* trata, originalmente, de sua tese de doutorado desenvolvida sob a orientação do professor Daniel Hogan, junto ao programa de pós-graduação em Geografia, pelo Instituto de Geociências da UNICAMP/Campinas. Esta obra problematiza importantes questões para pensar a vida nas cidades, cuja situação cotidiana de segurança/insegurança, risco/proteção é investigada por meio das experiências urbanas na porção noroeste da Região Metropolitana de Campinas (RMC). Entretanto, essas reflexões não se fecham para os modos de vida e experiência urbana nas regiões

¹ Doutora em Geografia UNESP/Presidente Prudente. Pós-doutorado Faculdade de Ciências Aplicadas – UNICAMP/Limeira. Professora do Departamento de Geociências da Universidade Estadual de Londrina (UEL). Rodovia Celso Garcia Cid, Cx. Postal 10.011 | CEP 86.057-970 | Londrina - PR
E-mail: jeanimoura@uol.com.br

metropolitanas, pois permitem pensar as repercussões das diferentes formas de habitar em outras escalas espaciais, considerando o coletivo e o individual na ocorrência dos fenômenos estudados.

A fenomenologia abaliza os caminhos metodológicos desta pesquisa instigante, com centralidade nos saberes da experiência e na dimensão existencial do habitar em risco. Habitar é a noção heideggeriana, utilizada pelo autor, para expressar o sentido ontológico de ser e estar no mundo e fazer pensar a experiência humana em seus espaços de vida, estes como dimensão material do próprio habitar. Marandola Jr. propõe uma leitura ontológica dos conceitos de riscos, perigos e vulnerabilidades contemporâneas, em que busca compreender como os fenômenos são percebidos pelas lentes humanas, valorizando as experiências cotidianas para tornar a “ciência mais humanista”, nas palavras do autor.

É interessante destacar a dinâmica das vulnerabilidades no contexto das permanências (a partir da casa, bairro e cidade) e das mobilidades (por meio dos deslocamentos diários ou não que promovem interações espaciais ou exposições/proteção de perigos). Tempo e espaço são dimensões fundamentais para pensar os riscos contemporâneos e apreender o sentido da fluidez e permanência, em tempos de incerteza.

Para quem se interessa pela fenomenologia geográfica e pelo diálogo interdisciplinar voltado ao estudo sobre riscos e perigos, esta obra chega em boa hora. Organizada em três seções, totalizando oito capítulos, o leitor é encaminhado a reflexões intrigantes, sendo impossível se manter indiferente frente às problemáticas de nosso tempo.

Na Parte I, Geografia dos Riscos, somos presenteados com uma reflexão sobre a contraposição entre a solidez da modernidade e a liquidez do tempo presente, em que as certezas e crenças no saber científico são postas em cheque diante da pluralidade do real e de suas formas não lineares de conhecimento ou de explicações. Enfatiza-se a importância das contracorrentes (filosofia da natureza, romantismo, hermenêutica e fenomenologia) como projetos alternativos ao racionalismo moderno. Assim, o autor desconstrói o paradigma do pensamento único e, pela reflexão sobre a Geografia dos Riscos, acrescenta a ideia de imprecisão e incerteza ao conhecimento teórico-metodológico, na perspectiva da pluralidade de realidades e das diferentes vias para se alcançar o conhecimento destas mesmas realidades.

No caminho para o entendimento do fenômeno, há uma demonstração clara da busca pela relação dos saberes, na perspectiva holística, em que o homem e suas subjetividades são considerados inerentes ao conhecimento. Fundamentado nesta linha de pensamento, Marandola Jr. disserta sobre os riscos que caracterizam a modernidade líquida, do ponto de vista geográfico, afirmando que a vulnerabilidade não se concentra no lado negativo, antes se trata de “[...] um qualitativo, ou seja, envolve as qualidades intrínsecas (do lugar, das pessoas, da comunidade, dos grupos demográficos) e os recursos

disponíveis (na forma de ativos) que podem ser acionados nas situações de necessidade ou emergência” (p. 62).

O autor reúne termos como “desastre”, “risco”, “perigo”, “vida normal”, “proteção”, “(in)segurança”, “resiliência”, “capacidade de resposta” e “adaptação” numa abordagem integradora de vulnerabilidade existencial e da multidimensionalidade que lhe é imanente, a partir da abordagem do lugar “enquanto unidade espacial que atua como centro de significação perceptiva e intersubjetiva” (p.65). O conceito de geograficidade, cunhado por Eric Dardel, é usado para expressar o elo homem-terra a partir de uma determinada realidade geográfica, em que a experiência humana resulta da relação dialógica entre os sujeitos e os lugares, esses fundantes de nossa existência telúrica.

Na Parte II há um mergulho na díade Mobilidades e Permanências para desvendar o seu sentido na contemporaneidade, mediante reflexão sobre modos de vida e experiência na metrópole. Em tal análise é fundamental perceber a intensidade do novo ritmo de vida das pessoas dentro das conchas do homem (MOLES; ROHMER adaptado por FRÉMONT), ou seja, dos mundos em diferentes dimensões, do próximo ao distante. Marandola Jr. sugere que o par “segurança/insegurança” existencial deva ser compreendido pela forma como as pessoas transitam pelas diferentes escalas e lugares, sendo a mobilidade um fator demográfico central, envolvendo o corporal – a existência e a experiência – e o social – a espacialidade/materialidade da metrópole que interage com as pessoas e grupos sociais.

Nesse contexto, propõe-se uma cartografia do “espaço da vida da pessoa, por onde ela desenvolve o seu cotidiano” (p. 112) para pensar a morfologia urbana e a própria vida cotidiana, estampando a relação binária entre a escala da vida e a dos grupos demográficos, a partir da representação do habitar em diferentes estágios da vida (infância, juventude, idade adulta e velhice). “Espaços de vida específicos revelam formas de ser e estar na metrópole, incluindo assim a perspectiva material e experiencial ao mesmo tempo, expressando a espacialidade do espaço vivido” (p.111).

A mobilidade é ambivalente quanto à segurança/insegurança porque ao mesmo tempo em que distancia as pessoas de suas relações primárias (na casa e no bairro), provoca o esgarçamento no/do lugar, uma linha tênue entre expor a perigos e evitar riscos. Os laços identitários com o lugar e a comunidade (as ‘conchas’ protetoras) se fragilizam com o aumento das distâncias e do tempo de deslocamentos na metrópole, visto que os padrões de mobilidade e de interações espaciais tornam as relações espaciais mais efêmeras. Para além do espaço métrico, afrouxam os mecanismos de proteção existencial e aumentam as vulnerabilidades diante dos riscos-perigos. No entanto, lembra o autor, no espaço metropolitano, os laços estão dispersos, configurando novas relações entre as escalas local, regional e global, onde “[...] as pessoas passam a utilizar os serviços distantes de casa,

perdendo assim o convívio de vizinhança e, conseqüentemente, o senso de bairro e de comunidade” (p. 122), portanto, surgem novos elementos para pensar os riscos-perigos, além dos mecanismos e estratégias de proteção.

A parte III, Habitar a Metrópole, se trata de um debruçar sobre as vivências singulares, num esforço para demonstrar as diferentes possibilidades das pessoas estabelecerem relações com os lugares. As experiências metropolitanas conferem identidade regional aos municípios que compõem a microrregião em Santa Bárbara D’Oeste, Americana, Nova Odessa e Sumaré, cujas trocas materiais e simbólicas entre os habitantes e seus territórios imediatos e itinerários (pelos quais nutrem sentimentos de segurança) são mapeadas por meio de conversas biográficas, permitindo apreender os diferentes sentidos do habitar (do envolver-se nos/pelos lugares), em suas geografias e em seus tempos de vivência nesta microrregião (e em suas relações com Campinas, sede da RMC).

Na descrição e na análise destes espaços de vida são perceptíveis as relações, as interações e os envolvimento no espaço metropolitano, cuja complexidade denota diferentes padrões de mobilidade e, conseqüentemente, mecanismos de proteção/riscos e estratégias de compor a vulnerabilidade, ao longo da vida dos ‘conversantes’ (sujeitos da pesquisa), considerando-se o tempo e a natureza do envolvimento destes com os fragmentos do tecido metropolitano, com a ‘região vivida’. Ao traçar os desenhos destes espaços de vida, o autor considera dois grupos de famílias, os estabelecidos, habitantes que nasceram e/ou vivem no lugar há muito tempo e os migrantes, os que moram, mas ainda não se integraram completamente na vida metropolitana, com frágeis laços identitários. “As histórias e os espaços de vida se organizam na espacialidade, mantendo um vínculo claro com as etapas de desenvolvimento urbano e regional. Por outro lado, nos permitem olhar mais de perto o sistema do lugar, a cultura e a história local” (p.138).

Pelas narrativas os conversantes revelam formas diferenciadas de habitar, em uma morfologia dos espaços de vida, com distinção dos períodos antes e depois da metropolização, em que os moradores estabelecidos firmam sua identidade frente a este processo e se reservam em relação às novas formas fluidas do habitar (com seus riscos e perigos), enquanto o migrante, visto como o “invasor que desagrega” (p. 139), se conecta facilmente com o sistema metropolitano por chegar em meio a este processo. Na fluidez contemporânea as estratégias para o enfrentamento dos problemas são variadas, porém fica claro que o lugar não perde a sua força, pois “[...]o casulo protetor, centralizado na casa (atual e natal) é, ainda, a base para a qual se recorre em busca de segurança e na qual fixamos a narrativa do nosso eu” (p. 163).

Sem dúvida, esta obra é especial porque oferece subsídios, materiais e simbólicos, para a compreensão do homemserplenamentehumano numa abordagem complexa das vulnerabilidades existenciais no contexto da sociedade do risco.

Eis uma leitura essencial para fazer pensar uma ciência conectada ao mundo da vida!

Recebido em 28/01/2015

Aceito em 22/02/2016